

A Associação Cristã de Moços (ACM) – YMCA -Young Men's Christian Association – se constitui no importante elo de mediação entre os pólos opressão e insurgência, desde os tempos mais duros da escravidão nos Estados Unidos, até nossos dias, com sua atuação em favor dos desvalidos, nos quatro cantos do planeta.

Um dos movimentos mais bonitos dos tempos de opressão nos EUA foi a chamada *Underground Railroad*, a Ferrovia Clandestina, que consistia numa rede de caminhos, sem trilhos nem locomotivas, que levavam escravos fugitivos da inumana servidão dos estados sulistas para a liberdade em estados do Norte estadunidense e Canadá. Havia maquinistas – pessoas que recolhiam os escravos e os conduziam por essas rotas para a liberdade, com os riscos inerentes no sistema legal vigente de severa punição a fugitivos e a acoitadores.

Já nesse tempo, encontra-se a ACM assumindo sua responsabilidade social, como assinala pequena nota biográfica de Anthony Bowen:



“Anthony Bowen (1805-1872), nasceu escravo nas vizinhanças do município de Prince George, Maryland, mudando-se para Washington em 1826, tornando-se legalmente livre em quatro anos. Em Washington, ajudou a fundar a igreja São Paulo, de fé metodista, criando nos anos seguintes uma escola de Catecismo Dominical noturna, para crianças e adultos. Como um ativo abolicionista, Bowen recolhia fugitivos da escravidão num dos atracadouros da cidade e os abrigava em sua casa – uma parada importante da **Underground Railroad. Bowen viria a ser um dos co-fundadores, em 1853, da primeira Associação Cristã de Moços¹, somente para negros, no país. Essa ACM, hoje portadora de seu nome, situa-se no número 1325, da Rua W , NW”, de Washington, DC”.**

Anos depois, com o início da Primeira Guerra Mundial, durante esse conflito (1914-1918) e nos anos seguintes, deu-se uma expressiva migração de afro-americanos do Sul em direção à região Norte do País. Foi o fluorescente movimento cultural cujas raízes se encontram na migração dos negros sulistas rurais, em direção ao Norte industrial, iniciada em torno a 1914, quando em sua maioria estabeleceram-se no Harlem — um distrito de Nova York originalmente habitado por imigrantes holandeses — trazendo consigo suas raízes na música, religião e tradições orais. Os músicos trouxeram o jazz, atraindo os nova-iorquinos com seu dinheiro e ensejando o surgimento de um sofisticado ambiente artístico. Os clubes noturnos, especialmente o mais famoso deles, o *Cotton Club*, de negros tinha apenas os músicos e os garçons. Dizia o escritor Langston Hughes que “O *Cotton Club* era um clube *Jim Crow*², funcionando para brancos

¹ - Nesse mesmo ano de 1853 era inaugurada a primeira ACM dos Estados Unidos, em Boston, Massachusetts. Isto se dava dois anos após a criação da ACM de Londres e a implantação pioneira nas Américas, em Montreal, da nova instituição cristã, mas laica.

² Leis de violenta segregação (apartheid) vigentes no Sul dos Estados Unidos.

endinheirados e gângsteres”³. Os religiosos ergueram pequenos templos que se tornaram grandes igrejas e essas criaram grandes companhias de auxílio-mútuo. Os contadores de história ganharam espaço para imprimir seu imaginário, ao mesmo tempo, em *The Crisis*⁴, Du Bois estimulava campanhas de auto-estima entre os negros. Assim emergiram mais nomes como os de James Weldon Johnson, Zora Neale Hurston Arna Bontemps (literatos); Meta Warrick Fuller (escultora); Aaron Douglas, Palmer Hyden e William H. Johnson (pintores) e o fotógrafo James Van Der Zee.

W. E. B. Du Bois, também um ex-diretor voluntário da ACM do Harlem, assim registra em suas memórias *Dusk of Dawn*⁵, a grande movimentação de afro-americanos:

“A migração dos trabalhadores negros a partir do Sul aumentou significativamente. Métodos legais e ilegais foram usados em todo o Sul para tentar barrar a saída dessa gente, mas em torno a 1917 havia se tornado um fluxo; assim, por minhas viagens e observações, calculo que durante o ano pelo menos um quarto de milhão de trabalhadores migrou do Sul para o Norte”.

Boa parcela desses migrantes do Sul, entretanto, deparou-se no chegar ao Norte, Nova York em especial, com a questão da cor, da discriminação de que fugiam. Richard Wright, que viria a se tornar um dos mais destacados escritores daquele período, assim registra sua chegada a Nova York, ao Harlem⁶:

“Nesse dia assisti toda a sessão, porém o que falavam não me tocava. À noite, achei meu caminho para o Harlem, desfilando por ruas repletas de vida negra. Fiquei maravilhado ao constatar, indagando a transeuntes, por hotel onde me hospedar, que praticamente não havia hotéis para negros, no Harlem. Continuei caminhando. Finalmente, lá estava um hotel limpo imponente; negros entravam e saíam por sua porta -- eu não via brancos ali. Confiante, ingressei e surpreso vi atrás do balcão um recepcionista branco. Hesitei.

“Você tem um quarto?”

“Aqui não”, ele respondeu.

“Mas aqui não é o Harlem?”

“Sim, mas este hotel é somente para brancos”.

“E onde fica o hotel para negros?”

“Você deve tentar o Y”, ele respondeu.

³ - Em “Free within Ourselves”, The Harlem Renaissance, de Geoffrey Jacques. Grolier Publishing.

⁴ - O mais importante veículo do pensamento afro-americano no início do século 20.

⁵ - In “Du Bois Writings”, pg 738, edição *The Library of America*.

“Em que direção fica?”

“Vá em frente, nessa direção”, responde-me, apontando.

Meia hora depois encontrei a Negro Young Men's Christian Association (Associação Cristã de Moços, para negros) o baluarte contra o Jim Crowism para jovens negros, consegui um quarto, tomei banho e dormi por doze horas.”



A ACM do Harlem contém em suas memórias e, fisicamente, nalgumas paredes, a criação artística de muitos desses migrantes que foram protagonistas do movimento *Harlem Renaissance*. Aaron Douglas, mestre pintor, deixou algumas de suas criações, parte, por exemplo, do conjunto que ilustra a *Criação* (imagem ao lado), segundo a Bíblia, usado por outro morador ilustre, James Weldon Johnson, em sua obra poético-religiosa *God's Trombones*. Langston Hughes, de forma uníssona, o maior dos poetas da fase renascentista do Harlem, deixou registrado a discriminação de algumas ACMs de seu país, mas abrigou-se por períodos tanto na ACM de Washington (sul da Rua U, atualmente Centro Thurgood Marshall para Serviços e História, no número 1816, NW da Rua 12^a), quanto na do Harlem, locais onde produziu seus poemas.

Para uma visita à ACM do Harlem basta apanhar o Metro na direção *Up Town*, até a Rua 135. Descerá numa estação que tem à frente uma das quatro bibliotecas públicas de Nova York, o Centro Schomburg para Pesquisa na Cultura Negra. É só caminhar uns metros e chegar ao número 180 Oeste, do **Y**.

Como as ACMs de todo o mundo – qual a nossa de Porto Alegre – esta também tem opções de esportes, recreação, cultura, cristianismo e ensino. É administrada por profissionais de carreira da ACM, mas controlada por voluntários, homens e mulheres que, sem remuneração alguma, dedicam parte de seu tempo à missão desse movimento quase bicentenário e que, num mundo carente de solidariedade, espalha cada vez mais seus braços exatamente no distribuir solidariedade através de uma miríade de obras sociais.



A ACM do Harlem, atualmente dirigida por Elaine Emonds, tem uma interface que se ajusta à ACM de Porto Alegre. Apesar de sediada no país mais rico do planeta, está num bairro que tem expressiva população carente, com os problemas que os temos aqui em nossas comunidades alvo, Vila Cruzeiro e Vila das Laranjeiras: gravidez precoce, infância não assistida – pais que precisam trabalhar e

⁶ - In “Black Boy”, Edição *The Library of América*, pgs. 332-333.

não têm com quem deixar os filhos –, mortalidade infantil, desemprego, analfabetismo, criminalidade, drogas. E que usa os mesmos remédios: assistência pré-natal com aconselhamento adequado, creches, suplementos alimentares, praças de esportes, cursos primários e técnicos de formação de mão-de-obra, políticas de ocupação de espaço contra o uso de drogas. Ambas, a do Harlem e a nossa, têm de buscar recursos para atender todas essas demandas. No Harlem, se suprem com a renda de sua atividade como clube esportivo, com a receita do *hostel* que faz parte de seu prédio e, sobretudo, na estrutura social americana, com importantes recursos vindos da filantropia particular. Aqui, com esses recursos também, excluindo-se a filantropia particular. Mas com o suporte das receitas do Cemitério Ecumênico João 23, propriedade da ACM Porto Alegre, das escolas, das unidades de serviços e *hosteis*, em Tramandaí e Canela, e da filantropia estatal.

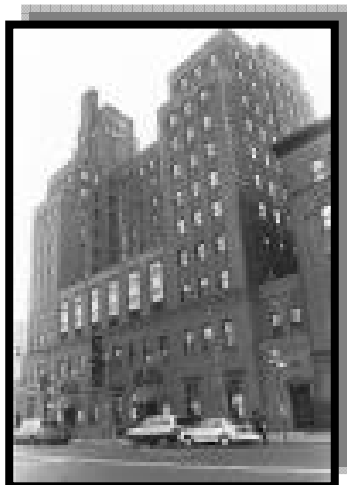
Na história de mil faces da ACM de Porto Alegre se insere um daqueles tipos inesquecíveis: nomeado Cônsul Geral dos Estados Unidos no Rio Grande do Sul, nos anos 1970, Robert Lane, um afro-americano, amante do basquete, esporte inventado pela ACM, foi parar na quadra da Rua Washington Luiz, onde praticava seu esporte, como se estivesse na sua querida ACM de Washington, aquela um dia Estação da Ferrovia Clandestina.

Assim a ACM, a mesma, em Nova York, Porto Alegre, Campala, Acra, Londres – você escolhe o local – será sempre uma instituição solidária, desempenhando seu papel social. Já o fazia dessa forma, lá atrás, no século 19, como acoitadora de escravos fugitivos.

A seguir, uma pequena história de

HARLEM YMCA.

FUNDAÇÃO E PRIMEIROS ANOS



A vida da ACM do Harlem está ligada de forma indissociável com a história dos afro-americanos em Nova York – um roteiro caracterizado tanto por grande opressão quanto imensa fé.

Por duzentos anos, desde 1627 até 4 de julho de 1827, a propriedade sobre escravos era um instituto legal em Nova York. Em 1709, era tão intenso o comércio escravista que um mercado de escravos funcionava na Wall Street. Os afro-americanos eram vendidos como suínos. Somente

uma fé inabalável dava força para que pudessem sobreviver a indescritível sofrimento e resistir a enormes injustiças. Em 1827, a população dos afro-americanos em Nova York se concentrava na antiga sexta guarnição em *Five Points*, ou no distrito de “Stagg Town” – onde hoje está a Prefeitura. Nessa área que muitas das mais poderosas igrejas afro-americanas foram fundadas: *Mother Zion African Methodist Episcopal Church* (1796), *Abyssinian Baptist Church* (1808), *St. Philips Protestant Episcopal Church* (1809) e *Bethel African Methodist Episcopal Church* (1818).

À medida em que *Five Points* começou a decair, os afro-americanos começaram a se deslocar Greenwich Village; para terrível distrito direção a Boêmia Negra. suas porta no *Tenderloin Hill*, expandindo sulista pelo West Side de mais importantes americanos estavam Cinquenta e Três, entre a

A igreja *Mount* fundada em 15 de junho os números 159-161, a



na direção norte, para o oeste em direção ao *Tenderloin*; norte, em Seis novas igrejas abriram e *San Juan* decididamente o sabor Manhattan. Em 1900, as instituições dos afro-instaladas em torno à Rua Sexta e a Sétima Avenidas. *Oliver Baptist Church*, foi de 1884; situava-se entre oeste da Rua 53, local hoje

ocupado pelo grupo de hotel *New York Hilton and Towers*, O reverendo Dr. Daniel W. Wisher foi o primeiro pastor dessa igreja, que tinha como membros, na sua maioria, migrantes do estado da Virgínia, sequiosos de melhores condições de vida para si e para parentes e amigos, fugindo da opressão da pobreza e do *Jim Crow*. Face aos terríveis desconfortos que enfrentavam ao viver em San Juan Hill, os afro-americanos buscaram a igreja em busca de apoio e respostas. Todavia, a comunidade paroquial se encontrava confinada à políticas de exclusão e gradualismo, assim seu pedido para a abertura de uma unidade da ACM para os afro-americanos foi recusada reiteradas vezes, posto que a ACM de Nova York operava um sistema restrito de associados – somente brancos. Quando eram pressionados a fazer algo a respeito, a comunidade acemista branca ficava muda.

Em 1867, uma “Comissão sobre o Trabalho de Cor da ACM”, relatou que um requerimento havia sido apresentado para criação de uma *Associação dos Homens de Cor*. Em fevereiro desse ano, a *Associação Cristã de Moços de Cor*, estabeleceu-se no número 97 da Wooster Street, em Greenwich Village. Ocupando apenas uma sala, destinava-se basicamente à leitura livre, ao encontro social e à cultura física dos jovens da cidade. Embora a ACM de Nova York assegurasse conhecimento e supervisão, à *Associação Cristã de Moços de Cor* era negada a condição de filial até 1901. Os afro-americanos remoíam a indagação: “A letra “C”, no acrônimo YMCA, está ali para designar o quê? Não havia nada de postura à Jesus numa instituição que se dizia cristã e excluía pessoas por causa da cor de sua pele. Em 18 de maio de 1870, a *Associação Cristã de Moços de Cor* mudou-se para instalações mais amplas e atrativas, na parte superior do prédio do *Freman’s Bank* (Banco dos Libertos) em Bleecker Street, lá

permanecendo até o outono de 1890. Todavia, todos os esforços para tê-la reconhecida como uma filial da ACM de Nova York foram por terra. Então, o reverendo Charles Thomas Walker, um pregador de renome nacional e internacional, foi a Nova York, onde se tornou o segundo pastor em *Mount Oliver Baptist Church*, em 1º de outubro de 1899. Carinhosamente chamado de CT, Dr. Walker trouxe consigo estilo, graça e força em suas insuperáveis mensagens. Ele mesmerizou seu rebanho, da mesma forma como havia feito no Sul e na Inglaterra.

A principal conquista do Dr. Walker foi estabelecer um lar na cidade para afro-americanos homens vindos do Sul e de outras regiões do país. Argüia, então, que se fazia mister um ambiente seguro e atrativo onde esses jovens pudessem encontrar refúgio e viver entre amigos.

Na consecução desse objetivo, os paroquianos de *Mount Oliver*, inclusive os diáconos Fleming Jackson e “Tribos Unidas”, um grupo de mulheres, levantou US\$ 3.000 num encontro social, dinheiro o bastante para alugar um prédio pelo período de um ano. Em 19 de dezembro de 1900, o reverendo solicitou à ACM de Nova York pela condição de filial. Seu requerimento foi deferido e a Unidade dos Homens de Cor da ACM foi estabelecida em 1º de fevereiro de 1901. A nova unidade foi estabelecida na loja do prédio numero 132 Oeste da Rua 53. A parte superior do prédio era utilizada como dormitório para seus membros. Atividades sociais, educacionais, e religiosas eram realizadas em outros locais. Então, em 27 de março de 1903, a ACM de Nova York assegurou titularidade sobre um prédio de tijolos à vista, com três andares, os números 245-252 Oeste da Rua 53 – seria utilizado pela *Unidade dos Homens de Cor*.

O livro manuscrito de registro da unidade, no período compreendido entre 4 de fevereiro de 1901 e 10 de dezembro de 1912, assinala que dois dos mais influentes personagens afro-americanos da época foram membros da diretoria: Booker T. Washington, renomado mestre e orador, foi indicado membro da diretoria em 28 de dezembro de 1903, sendo eleito em 4 de janeiro de 1904. O outro, Dr. Adam Clayton Powell Sr., pastor de *Abyssinian Baptist Church* e pai do congressista Adam Clayton Powell Jr., que foi indicado em 5 de janeiro de 1909, e eleito em 4 de maio de 1909. Em sua autobiografia, *Against the Tide* (Contra a Maré), Dr. Powell escreveu: “Harlem tornou-se o símbolo de liberdade e da Terra Prometida para todos os negros”.

John S. Brown permaneceu como primeiro presidente da diretoria e foi substituído pelo Reverendo Dr. C. T. Walker, com mandato entre 1901 e 1905. Henry Darnel foi secretário executivo temporário e John A. Robinson foi o secretário escrevente, e Walter C. Coles o diretor executivo. Todas as igrejas até aqui mencionadas, mantiveram representantes na diretoria durante os primeiros anos.

Os projetos para a construção de um novo prédio de seis andares entre os números 175 e 183 Oeste da Rua 135, no Harlem, se encontravam prontos já em 1918. As escavações se iniciaram em 20 de abril, numa resposta à explosão populacional ocorrida em 1917, quando a população de afro-americanos no Harlem mais do que dobrou. Em 11 de novembro de 1919, a filial da ACM na Rua 135 entrava em funcionamento

a um custo de 375 mil dólares. Thomas E. Taylor era o secretário-executivo.

Em um editorial do jornal *Survey Graphic*, de março de 1925, havia o registro seguinte:

A ACM do Harlem atende a mil membros, com dormitórios, piscina, ginásio, esportes, religião, jogos, atividades sociais e um escritório de locação de empregos. Neste ano, pela primeira vez, promoverá também um veraneio. Graças a um produtivo gerenciamento, está próxima de alcançar auto-suficiência financeira. Usando um modelar sistema comunitário, mantém uma secretaria bem informada, toda a noite, a fim de ajudar os recém chegados à Nova York (enviados pelos capa-vermelhas da estação ferroviária); mantém da mesma forma um diretor de acomodação; disponibiliza, uma vez por semana, no verão, a piscina para todos os jovens da vizinhança. E foi a primeira entidade na cidade a instituir o “splash week”. Um programa em que ao longo da semana todo o menino das escolas locais – negros ou brancos – que não soubesse nadar, recebe aulas grátis de natação.

Na metade dos anos 1920, as cercanias da Rua 135 com a 7ª Avenida tornaram-se o coração da vida intelectual e social dos afro-americanos no Harlem. Dentre as instituições situadas próximas à ACM estavam a Biblioteca Pública de Nova York (e a Coleção Schomburg), a sede da Associação Nacional para o Desenvolvimento das Pessoas de Cor – NAACP, a Liga Urbana de Nova York, e o escritório do “*New York Amsterdam News*”, importante jornal da comunidade afro-americana.

TRADIÇÃO DE QUALIDADE E SERVIÇOS

A rica e renomada tradição da ACM se prolongou imaculada através dos anos desde sua fundação. Seus membros, patronos, diretores compõem uma extensa lista de afro-americanos que deixaram sua marca em praticamente todos os campos da atividade humana. Dentre eles estão Dr. James Egert Allen, Dr. Roscoe C. Brown, Jackie Robinson, Roy Campanella, William Pop Gates, James Weldon Johnson, Claude McKay, Langston Hughes, Countee Cullen, Ralph Ellison, Richard Wright, Dr. George Washington, Carver, Dr. Calvin O. Butts, Assemblyman Edward Austin Johnson, Paul Robeson, Roland Hayes, Jesse Owens, polar explorer Matthew Alexander Henson, Bill "Bojangles" Robinson, Joe Louis Barrow, John Henry Lewis, Henry Armstrong, Sugar Ray Robinson, Gordon Parks, Jimmy Luceford, Willie Mays, Jack Johnson, Canada Lee, Arthur Schomburg, Percy Sutton, Fire Chief Wesley Williams, Sam Battle, Walter White, Malcolm X, Judge James S. Watson Sr., Judge James L. Watson Jr., General Benjamin O. Davis, e muitos outros.

Dentre os mais populares astros do mundo do entretenimento foram membros ativos do “Pequeno Teatro Acemista”, Eartha Kitt, Sidney Poitier, Roscoe Lee Brown, Isabelle Sanford, Vinnette Burrows, Cicely

Tyson, Diana Sands, Rosalyn Cash, Clarence Williams 3º, Lonnie Elder, Edmund Cambridge, William Marshall, Frances Foster, Ellis Haizlip, e Danny Glover. Over the years, *"Salute to the Stars"* (Saudação aos Astros) foram concertos que, ao longo dos anos, contaram com a participação, dentre outros de, Nat King Cole, Harry Belafonte, Johnny Mathis, Nina Simone, Fred Waring, Sammy Davis Jr. e Perry Como.

A ACM do Harlem promoveu muitas iniciativas de apoio aos jovens, com destaque para uma ampla conferência de jovens e adultos conduzida por Ralph Bunche, o vencedor, em 1950, do Premio Nobel da Paz⁷. Harold W. McGraw, editor e filântropo doou fundos para um programa especial de educação de jovens. Cem jovens receberam uniformes, foram encaminhados para um acampamento em ambiente natalino e apinhado de publicações da editora Mac-Graw Hill Publications.

Outros eventos importantes incluíram o jantar de entrega dos troféus *„Black Achievers in Industry“*, promovido por Carrie Terrell, evento que viria a se tornar importante fonte de fundos para programas em favor do jovens da ACM do Harlem. Carrie Terrel foi a primeira mulher eleita para a diretoria da ACM do Harlem, em 1992, tendo sido agraciada com a Ordem da Sociedade do Triângulo Vermelho, a mais alta condecoração para voluntários. O governador do estado de Kentucky, Brenton C. Jones, outorgou-lhe o título honorário de Coronel, em reconhecimento por seus serviços.

A Evocação Nacional ao *„Black Achievers in Industry“*, surgiu pelo empenho do Dr. Leo B. Marsh, membro da diretoria nacional da ACM dos Estados Unidos e um patrono dos jovens. Em 1991, Dr. Marsh foi incluído no Hall da Fama em Springfield, estado de Illinois. Anualmente a ACM do Harlem entrega o troféu Dr. Leo B. Marsh às pessoas que demonstraram o mesmo espírito de devoção à causa acemista, como o patrono do troféu.

Desde 1971, mais de 3.600 *Black Achievers* receberam este troféu pela destacada atuação em suas comunidades. A ACM do Harlem reconhece seu imenso débito para com corporações, empresários e instituições financeiras que demonstraram sua confiança na Unidade, dividindo patrocínios e apoio com o programa *Black Achievers*. Reconhecimento especial deve ser creditado, também, a Renee Du Jean, LL.D, consultor junto ao programa de intercâmbio entre executivos negros, da *National Urban League*, com intensa atividade no Conselho do *Black Achievers*, desde sua incorporação em 1970, e para Elaine Edmonds, que substituiu a Frank Rhodes, como diretora-executiva da ACM do Harlem.

Desde 1988, *Black Achievers Mentor Program* tem sido um veículo para os *Black Achievers* retribuírem com algo para a juventude, o que eles próprios haviam conseguido antes.. Sob a liderança de Vernon M. Dougherty, da diretoria da ACM do Harlem, *Black Achievers* tem-se constituído no mais singular modelo para centenas de estudantes ginasianos.

⁷ - Bunche tornou-se o primeiro negro a receber esse troféu, seguido anos adiante por Martin Luther King, Nelson Mandela e outros.

CONSTRUINDO PARA O FUTURO

Em 1985, a ACM da grande Nova York pôs à venda o prédio 175-183 Oeste da Rua 135 (conhecido como Casa de C. T. Walker). O Dr. Calvin Otis Butts III, então presidente da ACM do Harlem, não aceitou que o prédio fosse lançado no esquecimento. Assim, ele mesmo, Larry Dais, vice-presidente e outros personagens importantes da ACM do Harlem elaboraram um plano de arrecadação de fundos para a compra do prédio. Dr. Butts organizou a C. T Walker Housing Corporation, que mais tarde se tornou o Fundos de Desenvolvimento C. T Walker. Mr. Dais conseguiu 100.000 dólares vindos da Universidade Columbia. Mais tarde, a busca de recursos foi mais adiante e fundos foram conseguidos, através de doações vindas do próprio bairro, visando a renovação e reabertura do Centro da Juventude Jackie Robinson, ajoado num anexo com equipamentos de última geração para práticas esportivas e musculação, com piscina e pistas de atletismo cobertas, bem como enfermaria e creche dedicadas exclusivamente aos jovens da comunidade.

Em 2 de fevereiro de 1995, Dr. Butts requereu à Divisão de Parques, Recreação e Patrimônio Histórico o tombamento do prédio. Em 20 de março de 1995, o estado de Nova York registrou a Casa C. T. Walker como propriedade pública e a indicou à inclusão do Registro Nacional face à sua associação com eventos da história do país. A Casa C. T Walker em breve juntar-se-á a três outros marcos históricos nacionais, no Oeste da Rua 135: Casa Florence Mills, 235 Oeste da Rua 135; Casa James Weldon Johnson, 187 Oeste da Rua 135; e casa Claude McKay (sede da ACM do Harlem), 180 Oeste da Rua 135.

Em 6 dezembro de 1995, a diretoria da ACM e a senhora Rachel Robinson patrocinou a cerimônia de lançamento e expansão do Centro da Juventude Jackie Robinson, nome que homenageia o jogador que derrubou a barreira que havia contra os negros na prática do beisebol, e que fora um morador da ACM do Harlem. De 1950 a 1963 tanto ele como seu companheiro de Hall da Fama, Roy Campanella, foram membros da diretoria do Harlem e trabalham no Departamento de Menores. Em 1962, no dia em que foi entronizado no Hall da Fama, Jackie Robinson participou de solenidade na sua ACM onde foi aclamado pelos colegas. A conclusão do Centro da Juventude Jackie Robinson representou um sonho que se realizou para o Rev. Calvin O. Butts e Larry Dais da Diretoria, bem como para dois ex-diretores, Rev. James P Russell III e o falecido Franklin A. Rhodes, que faleceu um mês antes do início das obras. Ele havia trazido compromisso e paixão para o trabalho na ACM em favor dos jovens da comunidade.

A direção da ACM está sob o comando atual de Elaine Edmonds como diretora executiva, que reafirmou seus compromissos e enraizada paixão pelos jovens do bairro Harlem. A grande reabertura do Centro da Juventude Jackie Robinson, em 21 de outubro de 1996, também com a presença da viúva do homenageado, e outros notáveis, foi um tributo ao serviço exemplar prestado a cinco membros da diretoria, por sua atuação exemplar em cooperar com a missão da ACM. Salas nesse conjunto foram

batizadas com os nomes dos homenageados, Larry Dais, Dr. Calvin Otis Butts III, Carrie Terrell, Vernon M. Dougherty, e Franklin A. Rhodes Jr.

O futuro de nossa ACM está nas mãos dos voluntários, funcionários e amigos da instituição – mas sobretudo aos jovens, líderes do amanhã. Nossa próxima campanha de arrecadação de fundos visa disponibilizar confortável casa de passagem, inclusive para médicos do hospital do Harlem e estudantes internacionais que cursam o Colégio Municipal, estes com tradicionais laços de ligação com a ACM do Harlem.

Texto e tradução de ***José Luiz Pereira da Costa, outubro, 2005.***



Fotos: Perfil contraluz do prédio da ACM do Harlem, conjunto administrativo, hostel, teatro, ginásio e piscina cobertos, além de áreas de multiatividade esportiva. Segundo prédio da ACM Harlem, à frente do outro prédio. A diretora executiva emérita, Alice L. “Bonnie” Mairs, da ACM Internacional, em Nova York, com o casal Marta e José Luiz, presidente do Conselho da Unidade 3, da ACM Porto Alegre, Cemitério João XXIII.